

UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
AVM FACULDADE INTEGRADA

A AFETIVIDADE NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Josemary de Souza Pacheco

ORIENTADOR: Prof. Dr. Vilson Sérgio de Carvalho

Recife
Novembro - 2014

UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
AVM FACULDADE INTEGRADA

A AFETIVIDADE NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Josemary de Souza Pacheco

Apresentação de monografia à Universidade Cândido
Mendes como requisito parcial para obtenção do grau
de especialista em Administração Escolar.

Recife
Novembro - 2014

Dedicatória

A Deus, que me criou e me colocou na vida para eu ser feliz.

Ao meu marido Emanuel, pela força e incentivo.

Às minhas queridas filhas, Natalia e Emanuele, pela paciência, pela ajuda, por acreditar que eu conseguiria concretizar esse trabalho, e pelo amor que elas sentem por mim, que é recíproco.

A Mônica Barcelos Borba, pela atenção, pelo incentivo e carinho com que sempre me recebeu no núcleo de Recife.

À minha amiga Ana Helena Prado, pela parceria e pelas tardes que estudamos juntas para que esse trabalho fosse realizado.

“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. A AFETIVIDADE NA COMUNIDADE ESCOLAR	
2.1 A afetividade.....	08
2.2 A importância da afetividade na educação.....	10
2.3 O afeto na relação professor-aluno.....	13
2.4 Relacionamento entre escola e família.....	17
2.5 Afetividade como modelo de gestão.....	19
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS	
3.1 Cenário da pesquisa.....	21
3.2 Sujeitos da pesquisa.....	22
3.3 Procedimento de coletas de dados.....	22
4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	
4.1 A visão dos alunos.....	24
4.2 A visão dos professores.....	26
4.3 Visão da direção escolar.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6. BIBLIOGRAFIA.....	32
7. ANEXOS.....	34

RESUMO

No campo educacional, o estudo da afetividade é relativamente recente, visto que, por muito tempo, a perspectiva positivista da educação encarou essa temática como não-científica e não passível de ser trabalhada. Atualmente, a afetividade recebeu maior atenção e foi relacionada à aprendizagem, no entanto, isso não foi suficiente para que a função da escola de formar sujeitos superasse a preocupação extrema com o mercado de trabalho e a formação de mão de obra. Nesse sentido, o presente trabalho tem como intuito inserir a instituição escolar no contexto de gestão centrada em valores humanos e colocar em questão todos os seus comprometimentos e responsabilidades com a criação de uma sociedade que tenha por base a solidariedade e a cooperação. Para o cumprimento dos objetivos citados, esse trabalho teve como foco o estudo da afetividade e das relações humanas na escola como um todo. Depois, à luz dos textos teóricos, foi realizada uma análise das relações estabelecidas por uma comunidade escolar da rede pública de ensino.

Palavras-chave: afetividade; escola; gestão centrada em valores humanos; formação de sujeitos.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende refletir como é possível se estabelecer, na escola, uma gestão centrada em valores humanos e com foco na afetividade. Sabemos que manter a atuação institucional em torno de um eixo ético exige esforços não só no âmbito da gestão no que diz respeito à qualidade social na prestação de serviços, mas também na permanente atenção a todos os níveis de relacionamento, na responsabilidade sobre os resultados obtidos e na repercussão das ações realizadas, cujos impactos vão muito além dos muros da escola.

É tarefa da escola produzir as bases de valores humanos, buscando resultados adequados ao novo cenário da sociedade, na qual os compromissos pessoais e coletivos se tornam cada vez mais escassos e não menos relevantes. A escola não é comércio; não é paredes; ela existe para formação de pessoas, sendo extremamente importante uma gestão e uma equipe de educadores que saiba lidar com a complexidade das relações humanas e com a afetividade no espaço escolar.

Será colocada em questão a responsabilidade da escola com a criação de sociedade na qual a solidariedade e a cooperação devem sempre fazer parte do processo e produto das práticas escolares. O foco é estudar sobre a afetividade em todos os níveis de ação e relacionamento da instituição escolar; e, com a consciência de que a teoria precisa estar aliada à prática, confrontar teorias sobre afetividade e gestão participativa com a realidade concreta das escolas no quesito relações humanas.

Refletindo especificamente sobre essa necessidade da práxis, a prática da cidadania na escola deve ocorrer por meio de ações concretas de solidariedade e de apoio às pessoas que podem sofrer com violência, humilhação e preconceitos. No entanto, o cuidar e educar não devem ser uma preocupação apenas da escola, mas começar na família e apenas ter continuidade no ambiente escolar, onde se deve perceber que, embora a nossa constituição humana seja permeada de limitações e condicionamento, ela é, também, carregada de possibilidades e encantamentos.

Sabemos quanto é subjetiva a constituição do nosso ser, mas também o quanto dependemos de outras tantas pessoas. Por isso, devemos procurar meios que contribuam para amenizar as dificuldades das pessoas enquanto sujeito e que possam encorajá-las a viver mais plenamente. Essa motivação deve estar presente no ambiente escolar, envolvendo gestor, coordenadores, professores, técnicos, administrativos, serviços gerais, alunos e toda comunidade escolar.

É necessário darmos mais alguns passos e reconhecer os atributos da pessoa humana, em especial na cultura escolar, que parece ser moldada para lidar com o ensino e a aprendizagem apenas no aspecto pedagógico, mas a escola é muito mais do que isso.

2. A AFETIVIDADE NA COMUNIDADE ESCOLAR

2.1 A afetividade

A princípio, é importante apresentar um conceito sobre o que se entende por afetividade. Afetividade é um termo que deriva da palavra afeto, é uma relação de carinho e cuidado com alguém. O termo afetividade é compreendido como sinônimo de querência, emotividade, amizade, amor, afeiçoamento, afetuosidade, afeição e carinho. Entende-se por afetivo:

Aquele que tem afeto por algo ou alguém. Afeto: do latim affectus, designa um conjunto de atos ou atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura, etc. No seu todo, pode ser caracterizado como a situação em que a pessoa “preocupa-se com” ou “cuida de” alguém, e que esse responde aos cuidados ou a preocupação que lhe foi objeto. (ABBGNANO, 2000, p. 21)

O afeto é transmitido à criança desde a sua formação: no ventre da mãe ela sente o carinho, a importância que tem, a preocupação pelo seu bem estar na vida uterina; e, quando nasce, está bem sensível aos gestos, ao sorriso, ao cuidado que são dedicados a ela. A relação da mãe com o filho é de um afeto mais instintivo e espontâneo, porém a maior parte das relações de amizade ou de amor precisam ser cultivadas, conquistadas.

Segundo Piaget (1998), a afetividade constitui o estado psicológico do ser humano, o qual deve ser trabalhado na escola, pois influencia muito não só desenvolvimento cognitivo do educando, mas em sua formação global. Em verdade, a afetividade é algo de muita importância para a saúde mental de todos, e interfere no desenvolvimento geral, comportamental e intelectual.

A afetividade manifesta-se primitivamente nos gestos expressivos da criança: “Enquanto não aparece a palavra, é o movimento que traduz a vida psíquica, garantindo a relação da criança com o meio.” (ALMEIDA, 1999, p. 02). O afeto é a base para o desenvolvimento do ser humano como um todo. Se não estamos bem afetivamente, nossa ação como pessoa e cidadão estará totalmente comprometida, independente de cor, sexo e condição social. De acordo com Vygotsky (apud ARANTES, 2003, p. 18):

Quem separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo. [...] A vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral.

Para Wallon (2007), não se pode separar o orgânico do social e do cognitivo, afinal o ser humano é um conjunto funcional resultante da integração de várias dimensões. Assim como Piaget, o estudioso trata das fases de desenvolvimento, mas não de forma linear e contínua. Há interrupções e alternâncias, de modo que afetividade e cognição se revezam quanto à predominância, mas ambas estão sempre presentes. Quando a criança inicia sua vida escolar, fica ainda mais claro o papel da afetividade na aprendizagem e na formação social e pessoal do aluno.

A afetividade é capaz de derrubar muitos obstáculos que possam surgir no dia a dia na escola, como a baixa estima e a falta de interesse pelas aulas. São muitos os fatores que interferem no aprendizado do aluno, de modo que o afeto e o acolhimento são necessários também no cotidiano escolar, trata-se de importantes ferramentas para o acesso ao educando. Quando uma criança sente-se amada, querida e respeitada, com certeza vai tentar retribuir esse mesmo sentimento para o seu professor com o interesse e o desejo de aprender.

2.2 A importância da afetividade na educação

Há um forte movimento difundido em diversas áreas do conhecimento que preza por um dualismo entre afetividade e cognição. No que diz respeito à educação, não é diferente. É comum, no âmbito escolar, haver uma separação, por parte dos professores, dos alunos em duas partes: uma cognitiva e outra afetiva. Essa dicotomia culmina com uma exacerbada valorização de um pensamento frio e matemático – guiado exclusivamente pela mente dos alunos. O aspecto cognitivo é tido como o ideal para a aprendizagem das matérias escolares clássicas: o aluno que consegue dominá-lo é valorizado, tem o chamado mérito intelectual; aquele aluno que é norteadado pela chamada parte “emocional” é considerado pouco afeito ao conhecimento.

À escola é destinada a função de garantir a aprendizagem de conteúdos necessários e tradicionais, como a escrita, a leitura e os conhecimentos matemáticos. Todavia, não se é dado o devido valor às emoções de cada aluno. O cuidado com o outro, a capacidade de escuta e de diálogo não deveriam ser considerados de extrema importância para a formação social do estudante? A escola forma seres humanos, dotados de sentimentos, e não máquinas.

O acolhimento em determinado ambiente pode definir toda a vida de uma pessoa. Especificamente na escola, aluno e funcionário não são apenas mais um. É preciso, urgentemente, se trabalhar a individualidade dos que compõe a comunidade escolar. Mas isso não é sinônimo de ignorar conflitos e dificuldades; aceitar significa respeitar e criar condições para que se efetive o trabalho pedagógico e educativo.

Quando uma criança vai à escola, apresenta-se com grandes expectativas em relação ao ambiente, ao conteúdo a ser estudado e principalmente à figura do professor, aquele que irá mediar esse processo de integração escolar. Quando essa percepção inicial é positiva, cria-se vínculo e parcerias que irão nortear todo o processo de ensino e aprendizagem e de relação humana.

Os momentos passados na escola são fundamentais para a formação dos alunos enquanto profissionais e também enquanto pessoas. Há escolas que se preocupam apenas em transmitir aos seus alunos uma grande quantidade de informações; dessa forma, além de estimularem uma competição interna entre eles, afastam-se cada vez mais do ideal de formar seres humanos e tornam-se mais próximas de um método puramente racional e matemático que trata os alunos como números. Esse tipo de situação dificulta o estabelecimento de laços de afetividade.

Educar não é apenas transmitir conhecimento, mas dar oportunidade para que o aluno possa aprender e buscar suas próprias verdades. Para isso, devemos utilizar de vários meios no intuito de que o aluno tenha prazer em estudar. Cunha (2008, p. 51) afirma que:

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que muitas vezes estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais, e até comportamentos agressivos na escola, hoje em dia seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

Quando o aluno sente que é importante e valorizado, desenvolve um carinho e uma atenção por aquilo que está recebendo e sentindo, presta mais atenção às aulas, torna-se mais participativo. O afeto tem esse poder: derrubar muralhas emocionais, romper bloqueios psicológicos, promover um bem-estar no aluno, e até mesmo evitar que o mesmo fique a mercê de mazelas sociais. Como bem disse Moreno (1999, p. 33):

A falta afetiva na escola ou em casa e o desconhecimento das formas de interpretação e de respostas adequadas perante às atitudes, condutas e manifestações emotivas das demais pessoas deixarão os alunos a mercê das mazelas sociais (a falta de referencial, o vício, a marginalidade a ociosidade, entre outros fatores que corrompem a juventude).

A escola precisa rever qual é a sua função na sociedade e, a partir disso, como instituição, como educadores, temos o dever de pensar em uma escola que forme cidadãos capazes de atuar e transformar a realidade.

Precisamos formar um ser humano consciente de sua realidade e capaz de mudar a sua história.

Nos dias de hoje, fica cada vez mais visível o crescimento de pessoas individualistas e competitivas. Vivemos num mundo globalizado, no qual as tecnologias se renovam a cada dia, e isso faz com que não tenhamos tempo para perceber o outro ao nosso lado. Como afirmou Wallon (2007), a pessoa humana não se resume apenas ao aspecto cognitivo, mas ao desenvolvimento em todas as suas dimensões. A escola não deve ser apenas um local de mera transmissão de conhecimento, mas principalmente uma interação entre pessoas. E, com isso, a afetividade precisa estar presente em cada momento do processo educativo.

3.3 O afeto na relação professor-aluno

Piaget (1998) defende que o principal objetivo da educação é criar homens capazes de reinventar, e não criar meros repetidores de modelos pré-estabelecidos. A meta deveria ser formar homens criativos, inventivos e descobridores; pessoas capazes de criticar, deduzir, analisar e refletir: pessoas livres e autônomas.

Para pensar no aluno como sujeito crítico, é preciso que o educador valorize primeiramente seus conhecimentos prévios. O educando leva para a escola toda a sua vida e experiência e, junto com o professor, quer trocar e partilhar o que sabe, e aprender o que não sabe. Paulo Freire (1996) diz ser necessária a reflexão sobre o homem concreto a quem desejamos educar, ou melhor, a quem desejamos ajudar a educar-se. Professores não educam, ajudam pessoas a se educarem. Na realidade, podemos ousar e dizer que não existem educadores e educandos, ambos estão na mesma tarefa de aprender.

No entanto, é importante frisar que, embora aluno e professor se confundam em seus papéis de quem ensina e quem aprende, é inegável a importância do educador na mediação dos processos afetivos e pedagógicos. A criança só pode desenvolver plenamente o seu eu, só investirá no seu desejo de aprender, se os professores e sua família investirem, com afeto, no seu potencial, reconhecendo o seu valor como pessoa. Desta forma, a criança se fortalecerá e será um cidadão pronto para lidar com a vida.

O afeto é um dos principais meios para que o professor promova, no aluno, o prazer de aprender, a vontade de se tornar um sujeito ativo e participativo. Segundo Rossini (2001, p. 102):

A aprendizagem deve ser algo que estimule o ser em desenvolvimento a querer aprender sempre mais e com mais detalhes. Quando a criança é estimulada com carinho e atenção para os estudos, incentivada pelos pais a realizar as tarefas de casa, a frequentar a escola, fazendo dela uma continuação do seu lar; e, na escola, os professores e funcionários promovem um ambiente de confiança, fraternidade e de comunicação, a criança corresponde positivamente: ela aprenderá os conteúdos com maior embasamento e, naturalmente, se desenvolverá, tornando-se um adulto feliz, consciente e saudoso de sua infância, um adulto que passará os mesmos valores às gerações futuras.

Conhecer o aluno é o primeiro passo para se compreender o seu comportamento e vivenciar uma relação pedagógica positiva. É necessária a compreensão de cada criança e de todas as suas especificidades. Cada fase do desenvolvimento e do crescimento do aluno precisa ser acompanhada, é preciso saber que as mudanças na vida do educando vão ocorrer de acordo com o meio em que ele vive e com as pessoas que ele convive: familiares, amigos e, claro, professores. Dessa forma, a presença de ações específicas dos educadores na formação pessoal do aluno é essencial, mas é importante frisar, novamente, que essa presença só é verdadeira quando há um sensível elo de afeto, e esse elo somente acontece quando se conhece verdadeiramente o aluno.

Assim como já dito sobre a necessidade de se considerar os conhecimentos prévios do aluno no processo pedagógico, o professor deve se portar na mesma maneira em sua intervenção no que diz respeito à formação humana. Não deve ditar o correto descartando questionamentos ou a experiência de vida do educando, deve proporcionar ao aluno a oportunidade de reconstruir ou reafirmar sua própria visão de mundo, considerando as orientações do professor. É preciso formar pessoas que não apenas repitam regras de convivência, mas que tenham consciência de si mesmo e das outras pessoas que fazem parte da sociedade na qual estão inseridas. Só assim haverá uma aprendizagem real e o aluno saberá conviver com todos, respeitando defeitos e valorizando qualidades.

Diversos autores corroboram a corrente de que o afeto é indispensável para aquele que deseja ensinar. Dentre eles, Rubem Alves (2000, p. 5) afirma que o professor que ensina com alegria e ama a sua profissão não morre jamais:

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor assim não morre jamais...

Fica claro que o investimento na afetividade não está presente apenas na forma com a qual o professor lida com o aluno, mas também na sua relação

com a própria profissão. O educador que tem consciência do seu papel formador e se orgulha do que faz acaba passando esse sentimento para os educandos, que se sentem valorizados. Essa relação de afetividade não se limita apenas ao carinho físico, mas está presente também na forma como o aluno é tratado na sala de aula: desde a escuta até a valorização das ideias e sugestões dadas. Pequenos gestos e palavras são uma maneira efetiva de estabelecer uma comunicação afetiva com os alunos.

Saltini (2008, p.100) afirma que inter-relação é um grande suporte afetivo para a criança:

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.

Com um olhar afetivo, o professor trabalha também com a autoestima do aluno. É preciso que os educadores tenham a consciência do desafio de, a cada dia, conquistar o educando, levando o mesmo a confiar nele, acreditar que aquele conteúdo construído lhe será útil. Segundo Paulo Freire (1998, p. 29), não existe educação sem amor: “ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais”.

O conceito de afetividade pode, em alguns momentos, ser confundido com a ideia de agir como um “bobo”. Alguns sugerem que o trato mais cuidadoso só deve ser utilizado nas relações professor-aluno estabelecidas com crianças, e que, no tratamento com adolescentes e adultos, o melhor seria ser mais “duro” e menos afetivo. Mas isso é um equívoco. Todos, em qualquer época da vida, precisam de afetividade. É claro que cada faixa etária apresenta suas necessidades específicas de intervenção, e cabe ao professor perceber qual é a melhor maneira de agir com cada grupo. No entanto, isso não descarta a necessidade de ser afetivo, pelo contrário: a sensibilidade para perceber as demandas diferenciadas de cada educando exige justamente um olhar atento e amoroso do professor.

Numa escola em que o professor encara a afetividade como essencial no processo de ensino e aprendizagem, serão formados pessoas com a capacidade de lidar com seus sentimentos, o que irá contribuir para um mundo menos agressivo, onde o olhar para o outro será com mais respeito, com mais solidariedade e com mais aceitação das diferenças.

3.4 Relacionamento entre escola e família

No processo educativo de um ser humano, os métodos têm que ser humanos. E não cabe apenas ao professor se utilizar de tais métodos, mas também à família. No entanto, nos dias atuais, delega-se à escola a função não só de ensinar conteúdos e reforçar valores morais, mas também acredita-se que os professores têm a responsabilidade solitária de contagiar as crianças com regras e condutas – desde os hábitos higiênicos até valores humanos. Muitos pais alegam que trabalham o dia inteiro e não têm tempo para o filho.

É verdade que a escola tem também como função investir na formação social e pessoal do educando. Contudo, é essencial a parceria com a família, que precisa estar atenta a todas as áreas do crescimento da criança, como pessoa e cidadã. Nesse sentido, a inserção da família na comunidade escolar favorece a educação dos alunos.

O educando precisa encarar a escola como uma extensão de sua própria casa. Para isso, no caso da escola pública, é importante que a família participe da unidade executora da instituição, ou seja, das reuniões em que são compartilhadas impressões da escola e da família sobre os mais diversos assuntos, desde o comportamento dos alunos até a utilização da verba recebida pela escola. A família deve participar de discussões em que são decididas as prioridades da escola não só no aspecto financeiro e material, mas também na questão pedagógica e social. Nas reuniões, por exemplo, os pais precisam conhecer o projeto político- pedagógico (PPP) e as propostas para o ano letivo, isso trará a possibilidade de acompanharem a evolução de seus filhos e auxiliarem na estratégia de desenvolvimento que a instituição traçou para o educando.

Essa participação da família na formação global do aluno é uma grande mostra de afeto e cuidado, a qual faz o aluno se sentir valorizado e motivado a continuar frequentando a escola, afinal lá existe uma comunhão entre educadores (aqui se incluem pais, professores e gestores) no intuito de promover o seu bem-estar e a sua aprendizagem. Em uma época em que a desintegração dos valores é um dos maiores impedimentos para o ser humano,

o investimento afetivo da família no processo de ensino e aprendizagem do educando se torna um meio poderoso de fazê-lo perceber o que de fato é importante. De acordo com Piaget (apud JARDIM, 2006, p. 50):

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades.

É função da escola, junto à família, assumir de maneira efetiva o papel de fazer com que os alunos cresçam e se tornem seres humanos completos. No entanto, como já dito, é comum que, durante a vivência escolar do aluno, ocorra certa oposição entre a família e a escola. Quando, por exemplo, um aluno desobedece a uma regra estabelecida, muitas vezes os educadores, ao invés de utilizarem a oportunidade para conscientizar e sensibilizar a criança quanto ao erro cometido, transferem o encargo para os pais e depositam neles a responsabilidade de impor limites. Essa isenção de responsabilidade também parte da própria família, que às vezes tende a repassar diversas obrigações para a escola, como, por exemplo, a educação sexual e a formação político e religiosa, de forma que a família perde parte de sua atribuição de formação de um ser humano.

O ideal é que a escola e a família caminhem juntas no desenvolvimento do aluno. A escola deve funcionar como uma continuidade do lar, trata-se de uma instituição afetiva que complementa a família. Não faz sentido uma aprendizagem descolada das outras vivências (inclusive as familiares) do aluno, afinal não basta garantir uma gama de conhecimentos para indivíduos que, no entanto, não sabem utilizar aquilo que aprenderam, tendo em vista que são sujeitos afetivamente empobrecidos. Como bem afirma Capellato (2003, p. 18):

Tanto no âmbito familiar quanto no escolar, deve haver uma relação de afeto, pois é isso que ajudará a construir um ser humano psicologicamente saudável. O ato de *cuidar* é maravilhoso - é o sentimento que vai tornar o outro importante. O pai e o professor, educadores que são, devem entender que têm uma missão: *construir um ser humano*.

3.5 Afetividade como modelo de gestão

Nenhum gestor de uma escola, por mais genial que seja, terá sucesso na sua gestão se não possuir uma equipe atuando junto a ele. Ao tratar de equipe, estamos falando de uma dinâmica afetivo-emocional. Se fosse possível desenvolver projetos político pedagógicos sem mobilizar a emoção das pessoas, os computadores seriam ótimos gestores. Nesse sentido, como defende Saltini (2008), às escolas cabe entender mais de seres humanos do que de técnicas de gestão empresarial ou de metodologias de ensino. Um modelo de escola meramente conteudista tem contribuído na formação de neuróticos, que não são capazes de entender de amor, de símbolos e de dores.

O espaço escolar é propício para o desenvolvimento das relações e expressão de afetividade, trata-se de um local muito importante para o desenvolvimento da personalidade do aluno. Educamos também por meio de atitudes: é essencial se relacionar com todas as pessoas que fazem parte da escola; ser gentil; e participar de momentos de interação não relacionados ao trabalho. O afeto precisa ser adubado e regado diariamente.

Ao gestor/diretor cabe promover um processo contínuo de formação humana para o conjunto dos seus colaboradores, e não apenas oferecer treinamentos. Assim, iniciativas simples como aniversários coletivos e reuniões voltadas para discussões de questões emocionais de cada profissional são essenciais e demonstram um cuidado da gestão com a sua equipe.

Além disso, o contexto escolar também precisa favorecer o acolhimento da diversidade, oportunizar espaços de diálogos entre seus estudantes de acordo com suas necessidades. É importante que os gestores estejam atentos às demandas da escola não só no quesito material, mas também no que se refere à carência emocional de seus profissionais e alunos. Se existir, por exemplo, constantes conflitos de cunho homofóbico, cabe à gestão ter a iniciativa de organizar eventos que sensibilizem a comunidade escolar quanto a essa questão.

Embora a educação formal esteja concentrada majoritariamente no desenvolvimento da dimensão intelectual, o cenário atual exige um desenvolvimento humano. Essa transformação não se reduz exclusivamente a novas estratégias pedagógicas, os desafios exigem uma nova instituição de educação, daí a relevância de um novo modelo de gestão, de uma gestão centrada em valores humanos.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Cenário da pesquisa

A escola, cenário da pesquisa, pertence à rede estadual de ensino e fica localizada na zona sul de Recife, em um bairro nobre. É uma escola pequena, com apenas 06 salas de aulas e aproximadamente 400 alunos. As aulas funcionam pela manhã (fundamental II – do 6º ao 9º ano), à tarde (Projeto Mais Educação) e à noite (EJA III e EJA IV - Educação Jovens e adultos).

O quadro de funcionários da escola conta com 01 porteiro, 02 merendeiras, 02 auxiliares de serviços gerais, 01 educador de apoio, 01 bibliotecária, 02 coordenadores de Central de Tecnologia, 04 auxiliares administrativos, 01 secretária, 01 gestor adjunto, 01 gestor e 15 professores.

A estrutura física da escola é composta por:

- Biblioteca;
- Laboratório de informática;
- Cozinha;
- Dispensa para armazenamento da merenda;
- Pátio com seis mesas e vários bancos que servem para refeição e recreação;
- Três salas onde funcionam a secretaria, a coordenação pedagógica e a gestão escolar;
- Seis salas de aula;
- Bicicletário;
- Quadra;
- Estacionamento;
- Quatro banheiros para os alunos e um para os funcionários.

As salas de aula são bem equipadas, com quadro branco, carteiras pouco conservadas, televisão, data-show e aparelho DVD. Não parece faltar material didático na escola, de forma que, quanto às questões estruturais, ficam garantidas boas condições físicas e materiais para efetivação do processo de ensino e aprendizagem.

A cozinha é organizada, porém pequena. As refeições são de ótima qualidade, e seguem um cardápio estabelecido por uma supervisora que frequenta a escola quinzenalmente. A merenda é suficiente para atender as demandas de todos os alunos.

O pátio da escola, além de ser o espaço onde os alunos fazem as refeições, é utilizado para eventos voltados para os alunos, funcionários e famílias. No período de observação e coleta de dados, por exemplo, ocorreu a festa do dia do estudante, na qual havia um DJ, e foi servido um almoço para toda a comunidade escolar.

3.2 Sujeitos da pesquisa

Foram considerados como sujeitos da presente pesquisa os alunos, os professores e os gestores da instituição escolar observada, em um total de nove pessoas abordadas para a realização desse trabalho.

Além dos sujeitos com os quais a pesquisadora interagiu de maneira direta, os componentes da comunidade escolar como um todo foram observados em suas ações – incluindo, aqui, as relações mais espontâneas no ambiente da escola.

3.3 Procedimento de coletas de dados

Segundo Minayo (apud SUASSUNA, 2007, p. 07),

a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Foi a partir dessa perspectiva que os dados dessa pesquisa foram coletados. Levou-se em consideração que a escola observada apresenta uma realidade sócio-cultural específica e complexa que não pode ser generalizada e muito menos quantificada. As relações humanas ali estabelecidas são parte integrante de um fenômeno social, e, como afirmou Minayo (idem), podem ser levadas em consideração na construção de conhecimentos científicos, afinal, no âmbito da pesquisa qualitativa, não se vê na subjetividade um obstáculo à pesquisa.

Partindo dessa perspectiva, foi realizada a coleta de dados em 30 horas de observação. Foram observados e registrados aspectos relevantes relacionados à relação entre alunos, à relação professor-aluno, professor-gestor e gestor-aluno. Além disso, foram feitas entrevistas, por meio de questionários, no intuito de se compreender como a escola é vista pelos sujeitos que compoem, qual o discurso deles no que concerne à afetividade no ambiente escolar e à relação estabelecida entre alunos, professores, familiares e gestores.

4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

4.1 A visão dos alunos

De acordo com a pesquisa realizada, a maioria dos alunos sente-se bem na escola, gosta de fazer parte dela. Alguns alunos mencionaram problemas no que diz respeito ao comportamento de colegas que não prestam atenção à aula; essa situação atrapalharia aqueles que têm interesse em se concentrar nas aulas na tentativa de compreender o que é trabalhado pelo professor. Outros alunos citaram problemas relacionados a mobiliários quebrados, como bancas e cadeiras. Alguns elogiaram a localização da escola, a quadra e a merenda. Segundo um entrevistado, “o lanche é de boa qualidade e as funcionárias cozinham com amor, servem as refeições com carinho e gentileza”.

Fica claro que, embora haja problemas no que concerne à dinâmica da sala de aula, a maior parte dos alunos tem uma ideia positiva da escola por considerar questões que extrapolam o campo pedagógico. Muitos entrevistados se disseram vinculados emocionalmente à instituição não porque absorvem conteúdos nela, mas porque se trata de um espaço em que se relacionam diariamente com colegas, funcionários e gestores; vivenciam diferentes situações; passam por experiências. Em relação ao conceito de experiência, Geraldi (2010, p. 55), afirma que

Nem tudo que se passa na escola é memorável, nem tudo que aí acontece é experiência, porque a experiência que fica é aquela que nos ocorre, aquela que nos toca, aquela que nos move e remove.

Nesse sentido, pode-se dizer que a escola observada ofereceu aos alunos experiências diversas que foram decisivas para a o estabelecimento de vínculos entre a instituição e os discentes.

Com relação à participação dos alunos nas decisões da escola, foi dito que apenas os representantes estão presentes em espaços de discussão no intuito de representar sua turma com críticas e sugestões. Após as reuniões, as

decisões tomadas são repassadas para todos. Embora, a princípio, essa representatividade possa parecer produto de um modelo pouco participativo, os alunos entrevistados demonstraram saber das discussões ocorridas e ter uma postura crítica e ativa em relação a elas. Talvez isso ocorra pelo fato de se tratar de uma escola pequena, o que não só facilita a aproximação e o cuidado entre aqueles que a compõem, mas também promove uma maior interação, reforçando a ideia de coletividade.

Outro ponto a ser destacado é o sentimento de pertencimento por parte dos alunos. Um entrevistado escreveu “não troco essa escola por nada, já faz parte da minha vida”. Confirma-se o que a ideia defendida aqui de que a escola não está descolada da realidade, não é um intervalo da vida para que o aluno tenha contato com conhecimentos formais. Como afirmam Santos e Paraíso (1996, p. 37),

[a escola] constrói identidades e subjetividades, uma vez que, junto com os conteúdos das disciplinas escolares, se adquirem na escola percepções, disposições e valores que orientam os comportamentos e estruturam personalidades.

4.2 A visão dos professores

No levantamento realizado com os professores da instituição estudada, pode-se perceber uma boa relação com os alunos. Todos os educadores procuram criar um laço de amizade e respeito, porém o tratamento dado aos alunos no turno da manhã se distingue daquele dado no turno da noite. Isso parece ocorrer devido à faixa etária.

No turno da manhã, a maior parte dos alunos tem idade entre 10 e 14 anos e demonstra precisar de mais cuidado e orientação. Grande parte do corpo discente mora em comunidades carentes, onde a violência, as drogas e a gravidez precoce fazem parte do cotidiano. Os professores, então, precisam estar mais atentos, mais vinculados aos alunos, a fim de ouvi-los e orientá-los, e não apenas construir conhecimento formal. A afetividade é decisiva na ponte professor-aluno, apenas por meio dela o educador pode acessar o educando e conseguir sua confiança.

Não se trata de o professor perder a sua autoridade no intuito de se tornar amigo de seus alunos. A questão é que a autoridade não deve se pautar em um autoritarismo descabido, mas deve ser construída por meio de um vínculo afetivo, por meio de respeito. Como afirmou Moraes (apud FERREIRA-JR, 2000, p.3)

As regras adotadas pelo docente advento da autoridade que é adquirida devem ser aceitas pelo discente e não imposta, estando vinculadas ao papel do líder que as expõem com o direito de serem dialogadas com os participantes do processo para, assim, serem aceitas.

Já no turno da noite, a maioria dos alunos é adulta e muitos deles vão para as aulas após um dia inteiro de trabalho. Os professores, então, têm outro desafio: lidar com o cansaço, desgaste físico dos estudantes, além da dificuldade natural de quem passou muito tempo longe dos estudos. Os docentes da escola mostraram ter uma preocupação em receber esses alunos, escutá-los, e, quando necessário, ensiná-los o mesmo assunto várias vezes até que haja uma compreensão e se efetive o processo de aprendizagem.

Em ambos os casos, tanto na realidade do turno da manhã como do turno da noite, os professores mostram ter sensibilidade para lidar com o tipo social de seus alunos. Inclusive, nos questionários, a maioria dos docentes afirmou que o afeto é um instrumento de suma importância no desenvolvimento da relação professor-aluno. Um professor entrevistado disse que “sem amor naquilo que estamos fazendo, fica muito difícil perceber um resultado satisfatório do nosso trabalho”.

4.3 A visão da direção escolar

No questionário realizado com a gestora da escola, foi possível perceber, em seu discurso, que a mesma se preocupa bastante com o modo com o qual se dirige ao aluno, aos professores e também às famílias. A gestora diz escutar bastante os estudantes, dando atenção às peculiaridades e histórias de vida de cada um. Segundo ela, “a afetividade interfere muito no aprendizado do aluno e no resultado do projeto político-pedagógico; o discurso, o diálogo, a responsabilidade e o compromisso são sinônimos de uma gestão de sucesso, mas o essencial é o laço de afetividade entre todos os componentes da escola”.

Nesse sentido, sempre que ocorre algum desentendimento entre os alunos, a entrevistada afirmou que assume uma postura impositiva e chama os estudantes para conversar e resolver entre si seus atritos e pendências. Essa escuta da gestão em relação aos alunos é muito importante para que se crie um vínculo de confiança e o estudante saiba que pode contar com a escola para lidar com problemas não só relacionados a questões pedagógicas, mas também problemas sócio-afetivos, que influenciam no processo de ensino e aprendizagem e na formação do aluno enquanto sujeito.

Como sabemos, na realidade da escola pública, os alunos muitas vezes levam para o colégio influências de ambientes violentos, ou até mesmo traumas gerados nesses espaços. À gestão cabe ter sensibilidade para acolher esses alunos e, ao mesmo tempo, colocar-lhes limites. É preciso percebê-los não só como produto do meio, mas também como sujeito ativo e com potencial para construir a sua própria história. Como afirma Geraldi (1997, p. 20):

o sujeito é o produto sim da herança cultural, mas também de suas ações sobre ela. Por isso que o sujeito, ao mesmo tempo que repete atos e gestos, constrói novos atos e gestos num movimento histórico em que repetição e criação andam sempre juntas.

Conforme visto no período de observação, a gestora da escola, além de dialogar com os alunos, também coloca como orientadores e monitores

aqueles que mais se envolvem em confusões. Dessa forma, além de trabalhar a autoestima deles, faz com que percebam como é difícil para os funcionários lidar com todos os alunos, e como é importante que os mesmos colaborem para o bom funcionamento da escola.

Em relação à estrutura física da escola, a gestora parece estar sempre preocupada em administrar bem questões como a limpeza do espaço, renovação da pintura da escola, revisão das estruturas de sustentação e do telhado, etc. Como já dito, os momentos de interação entre a comunidade escolar também são bastante valorizados, inclusive no que diz respeito ao espaço físico, pois o pátio da escola é muito utilizado com esse intuito.

A estrutura física da escola foi bem detalhada no tópico *cenário de campo* porque é clara a sua importância para a efetivação da aprendizagem e para a comodidade e interação dos que fazem parte da instituição escolar. A gestão, garantindo um cuidado com o espaço físico, mostra uma preocupação real com o acolhimento das pessoas que frequentam o local e com o sucesso da prática pedagógica. Como bem afirma Freire (1996, p. 73),

(...) o professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos facilmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem se move. O desrespeito a esse espaço é uma ofensa aos educandos, aos educadores e à prática pedagógica.

No entanto, a gestora nem sempre está presente, de maneira que isso influencia na rotina da instituição. De acordo com o que foi observado, precisa participar mais de algumas atividades, e ser mais presente em algumas decisões e ações que serão implantadas na escola. Essa ausência parece impedir que se tenha um melhor resultado para o trabalho proposto pelos professores e por outros segmentos da escola, que às vezes se sentem pouco orientados. Algumas vezes a gestão da escola fica nas mãos de outros funcionários, porque a diretora não tem horário disponível em alguns turnos do dia.

Mas é importante frisar que, quando presente, participa intensamente da rotina da instituição. Os eventos são sempre muito organizados, feitos com

muito carinho. Alunos, professores e demais funcionários se mostraram bastante envolvidos com os eventos comemorativos observados no período da coleta de dados. Além disso, as conquistas da escola parecem ser sempre compartilhadas com todos, e essa atitude valoriza os trabalhos realizados em equipe, o que é muito importante em uma educação voltada para a formação humana. Como bem afirmou Bortolini (2013, p. 3),

Gestão democrática compreende a figura do Diretor enquanto sujeito capaz de promover e motivar a soma de esforços coletivos para alcançar aos fins da escola, aos objetivos da educação, compreendendo também que objeto de trabalho da educação é o sujeito, a emancipação humana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o resgate de teorias e a coleta e análise de dados, confirmamos o pressuposto do qual partimos para a realização deste trabalho: a afetividade é um elemento estruturante do sistema educacional. A cooperação e o cuidado norteiam a prática educativa e possibilitam experiências de aprendizagem que não se limitam às questões pedagógicas e não dizem respeito apenas ao aluno, mas também ao professor e a todos que compõem a escola.

Especificamente quanto ao docente, ficou claro que, quando a figura do professor é positiva, ele consegue criar vínculos e parceria, e isso facilita muito o processo de ensino e aprendizagem e a convivência. A autoridade não autoritária é essencial para um professor que visa romper com a ilusão de abismo entre docente e discente tanto no que diz respeito ao conhecimento como no que concerne a laços afetivos.

A escola é mais do que muros e paredes. A escola forma pessoas que levam por toda a sua vida as experiências vivenciadas na sala de aula e nas conversas informais de corredor. Uma gestão sensível à necessidade dos alunos e dos funcionários e que proporciona momentos de interação e cooperação é muito importante para a construção de um projeto de escola em que todos se relacionem bem e participem das decisões tomadas.

Como afirmou Paulo Freire (1996), “não se pode falar de educação sem amor”, não se pode falar de educação sem afetividade. Trabalhem para que a escola em que acreditamos não seja um sonho, mas uma realidade.

6. BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ALMEIDA, Ana Rita. **Emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papirus Editora, 2000.

ARANTES, Valéria. **Afetividade e cognição**: rompendo a dicotomia na educação. In: *Videtur*, n. 23. Porto, Mandruvá, 2003. Disponível em: www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm.

BORTOLINEI, Jairo César. O papel do diretor na gestão democrática: desafios e possibilidades na prática da gestão escolar. In: **Interletras**, vol. 3, set. 2013.

CAPELLATO, Ivan. **Educação com afetividade**. Editora Modelo, 2003.

Clube eu gosto: a revista do professor. **A relação pedagógica na educação infantil**: um elo de afeto. São Paulo: IBEP, nº x, Abril/maio/junho. 2013. 23 pag.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

FERREIRA-JR, Acácio de Assunção. **Autoridade ou Autoritarismo? A "Didática do Comportamento"**: uma necessidade na relação Professor-Aluno. 2007. Disponível em: <http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxispedagogicas/RELA%C3%87%C3%83O%20PROFESSOR-ALUNO/autoridade%20ou%20autoritarismo.pdf>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

GERALDI, João Wanderley. Da redação à produção de textos. In: CITELLI, Beatriz (coord.). **Aprender e ensinar com textos de alunos**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 17-24.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

JARDIM, Ana Paula. **Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem**. Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

MORENO, M. et al. **Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

REVISTA PÁTIO. **É possível ser feliz na escola?**. Rio de Janeiro, n. 11, 2011.

ROSSINI, Maria Augusta. **Pedagogia Afetiva**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SALTINI, Cláudio. **Afetividade e inteligência**. 5 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SUASSUNA, Livia. Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. In: **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 341-377, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175795x.2008.v26n1p341/9576>.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

7. ANEXOS

QUESTIONÁRIO PARA LEVANTAMENTO DE DADOS

ALUNO

- 1) Você se sente bem aqui na escola? Comente sobre a rotina escolar, o espaço físico e a sua relação com os colegas e funcionários.
- 2) O que você acha do seu professor? Comente sobre o vínculo entre vocês.
- 3) Como você participa das decisões tomadas na escola? Explique.

PROFESSOR

- 1) Qual a sua relação com os seus alunos?
- 2) Você acha que o afeto pode influenciar na aprendizagem? Comente sobre isso.

GESTOR

- 1) Qual a sua relação com o corpo docente e discente?
- 2) Você acha que a afetividade interfere no cumprimento de metas e objetivos traçados pelo projeto político pedagógico da escola? Comente acerca disso.